



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



Por MARIA desenhos de A. CASTANÉ



BEBÉ quizera mascarar-se; Bèbé pedira e os pedidos de Bèbé, misturados com beijos, são como se fôsem ordens.

— «De Pierrot, para seres o par de tua irmã, queres, meu filho?» Porém, Bèbé concentra-se. Revia o traje da irmãzita, o lindo vestido que a mãe

lhe comprara, um costume branco, o branco leitoso das sedas ligeiras, duma luminosidade tão linda, pompons, fitas... Dir-se-ia o produto mágico duma varinha de condão, com a frescura, a ligeireza, a fragilidade dum lindo sonho. Mas Bèbé, num trejeito de enfado, súbitamente, exclama:

— «Não, oh não!... De Pierrot não quero! Sabes de que queria, Mãezinha?! Queria de oficial!»

Bèbé queria ser aviador, subir alto, muito alto, seguindo, descuidadamente, um caminho radioso, ao alado capricho da sua fantasia. Seria como um passarito! Voar, voar muito alto, ir longe como se fôra uma andorinha! Contudo, êle hesitava ainda. A Mãe interrogava-o com os olhos. Nisto, resolutamente, o Bèbé exclamou: — «Quero, quero ser oficial; daqueles que têm espingarda, que têm espada, dos que são valentões, que brigam; e Bèbé, no auge do entusiasmo, brandia, em gestos rápidos, essa espada de sonho, a espada que antevia invencível.



Por vezes, nesse festivo dia de carnaval, Bèbé julgara viver um lindo conto de fadas.

Oh, que deslumbramento ao entrar nos salões da «matinée» infantil! Um mundo liliputiano, um mundo elegante, movia-se em seu redor: — Arlequins, «pierrettes», ciganas... Bèbé sorria... Os espelhos reflectiam o sorriso enlevado do oficial garboso. Tantos «confettis», tantos, amarelos, encarnados, verdes!... Como era bom o carnaval! As

(Continua na página 7)



A Princezinha e o Camponês

Conto que minha mãe me contou

por MARIA DO ROSARIO

desenhos de CASTANÉ

... Princezinha caprichosa,
Das mais bonitas que havia,
Pedi ao pai, certo dia,
Uma festa sumptuosa.

Um baile, um divertimento...
Brindando com alegria
Os quinze anos que fazia,
Deu o rei consentimento.

Tal pedido, calculai,
Quem o não satisfaria?!
Se a princesa é que pedia
E o velho rei era pai?!

O dia de anos chegou
com êle a hora marcada.
E, então, entusiasmada
A princesa delirou.

Toda de verde vestida,
O cabelo em caracois,
E, por terem tanta vida,
Os olhos, eram dois sóis,

Iluminando o salão.
Já no seu trôno sentada,
Era a princesa uma fada
Aguardando o beija-mão.

Alto o trôno. Em volta dêle
Muitos gentis cavaleiros,
Que querem ser os primeiros
A beijar tão fina pele.

Depois da praxe cumprida,
Assim falou a princesa:
«O' minha gentil nobreza,
«Vós que desprezais a vida,

«E mil vezes, por amôr
«Da vossa Pátria e do Rei,
«Tendes mostrado o valôr
«Do vosso braço, dizei:

«Será presente mesquinho
«Um beijo meu? — Qu'reis mere-
cê-lo?

«Fazei um discurso belo
«Como a voz dum passarinho.

«Seja a porta descerrada
«E entre, entre, quem quizer...
«Archeiros, dai livre entrada
«Todos podem concorrer.

«Está um beijo a concurso
«Dá-lo-hão meus régios lábios...
«Espero, ansiosa, meus sábios;
«Venha o primeiro discurso!

Logo um discurso começa:

«Sobre uma flôr que embeleza
«A mesa do meu trabalho,
«Poisou, Senhora Princesa,
«Uma gotinha de orvalho.

«Fui de mansinho apanhar
«A gotazinha do Céu,
«Para com ela orvalhar,
«Senhora, o coração meu.

«Mas essa gota tão pura,
«Tão pura como um cristal,
«Levantou vôo para a altura...
«Era o teu beijo real!

Mas eis que tudo emudece!

E' que dera ali entrada
Um velhinho, um aldeão,
Trazia ao ombro uma enxada
E com êle um rapagão.

Ao verem-no uns fidalgotes
Começam de motejar,
Sendo, afinal, seus dichotes,
Mais reles, sem comparar,

Do que o burel já coçado,
E com grandes rememôdes,
(Mas mesmo assim asseado)
Do fato dos aldeões.

Era o caso que o velhinho
Viera da sua aldeia
Pisando um rude caminho
Trazido por esta idéa:

Como inda não conhecia
A menina e Princezinha,
Tinha escolhido êste dia
Para a ver! Eis ao que vinha.

E diz o velho aldeão:

«Minha Menina e Princesa,
«Aceitai dum campones
«A sua pobre riqueza...
E, vai, põe-lhe a enxada aos pés.

«Vem polida como um espelho,
«Veja Vossa Senhoria
«É de lidar todo o dia;
«Mas agora já estou velho!...

«Foi sempre o meu ganha pão,
«Não é um sacho, não é.
«E', senhora, o coração
«Do «Tio Manel do Zé» ..

«Este rapaz, que aqui vem,
«E' o meu neto, Senhora,
«O filho da minha Aurora,
«O lindo nome da Mãe.

«Trouxe-o para vir tocar
«Aquelas modas bonitas,
«Que faz quando anda a guardar
«Lá no monte as ovelhitas.

«E uma que fez, pelos jeitos,
«A' Senhora Princezinha!
«Eh! rapaz a flauta aos queixos
«E toca a tua modinha!

E o neto do «Ti Manel»
Cantou a sua canção.
Era doce como o mel,
Comovia o coração.

Fica a Princesa encantada
E, logo, ali, quer' saber:
— «Onde é que foste aprender
«Essa tão doce toada?

— «Eu senhora, foi nos montes,
«No chil'r ar dos passarinhos,
«No cantar dos ribeirinhos,
«No próprio gemer das fontes!

«Em todo este Portugal
«Não há, Senhora Princesa,
«Uma outra canção igual
«A' que canta a Natureza!

«Tudo no campo ergue a voz,
«São os bois, as ovelhinhas;
«Cantam no moinho as mós,
«Mesmo as ervas rastreirinhas;

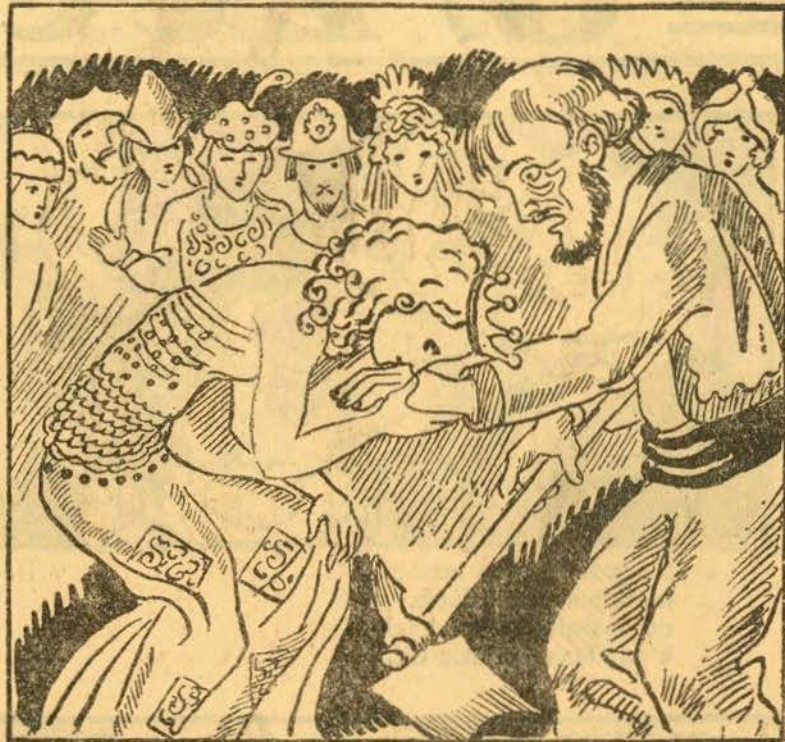
«Por elas passando o vento,
«Também desejam cantar
«E soltam brando lamento...
«... Cantam as pombas no ar!...

«Loiro, magestoso, belo,
«De manhã, mal se levanta,
«O sol, brilhante, amarelo,
«Até parece que canta!

«A iluminar toda a serra
«Embalá, cantando, a mãe...
«Batendo a cavar a terra,
«A enxada canta também,

«Canção como nunca ouvi.
«No seu pôço canta a nora.
«Foi no campo que aprendi
«Minha toada, Senhora!

Diz o velho, boquiaberto,
Enquanto o rapaz falava:
«Não é por ser o meu neto
«Mas por esta é que eu não es-
p'raval



«Ele, inda fala «mais bem»
«Do que se fôra um Doutor!
«Ora o rapaz!... Sim senhor,
«Bonitas falas que tem!

«Torna, contente, o vèlhinho:
«Senhora Princesa, adeus,
«Vou para junto dos meus,
«Meto-me já a caminho...

«A ver se a riba chegamos,
«Antes das Avé-Marias,
«Deus guarde por muitos anos
«E bons, Vossas Senhorias!

«Esperai, — Disse a Princesa
«Retirais sem vos dar nada?!
«Dêstes-me a vossa riqueza,
«O coração: — vossa enxada,

«E de mim o que levais?!
«A vossa enxada de pobre,
«Será mais um escudo nobre
«Na sala de armas reais!

«Ides ver o que vos dou
«Só depois podereis ir!»
Nisto á enxada se apoiou,
Desceu do trôno, a sorrir.

Baixou-se para beijar,
Com os seus lábios de rosas,
Umãs mãos velhas calosas,
Que só sabiam cavar

Os duros torrões do monte;
As mãos desse «Ti Manel».
E chegou-se ao neto dele
Também o beijou na fronte.

Depois, muito comovida,
Assim falou a Princesa:
— «O' minha gentil nobreza,
«Vós que desprezais a vida

«E mil vezes por amor
«Da vossa Patria e do Rei,
«Tendes mostrado o valor
«Do vosso braço, dizei...

«Meu presente era mesquinho,
«Pois bastou para merecé-lo
«O discurso simples, belo,
«Dum camponês lá vèlhinho.

«E bastou ao mocetão
«O falar da Natureza
«Para ter, por galardão,
«O beijo duma Princesa!

Este «Tio Manel do Zé»
«Não será o exemplo vivo
«Da força, virtude e fe?
«Pois foi por esse motivo

«Que as suas mãos eu beijei!
«Beijá-las-ia mil vezes,
«Porque as mãos dos camponezes
«Valem como as mãos dum Rei!

«Um tem o ceptro na mão,
«Os outros teem uma enxada,
«Um dá-nos o cérebro e a espada,
«Os outros dão-nos o Pão!

E foi assim que acabou
a festa da Princezinha.

O Zeca e o Carnaval



I — No grande baile infantil, no imponente palácio, do conselheiro Pancrácio e da Dona Eufrázia Gil,



II — os filhos do Conselheiro, o Juca, a Cuca e o Zeca, que são levados da breca, fazem um grande berreiro.



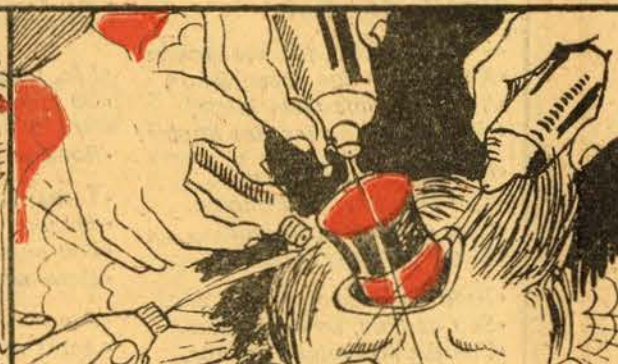
III — Mascarado de palhaço, dá cambalhotas o Juca, e, de bailarina, a Cuca dança com desembaraço.



IV — O Zequinhas de Faz-Tudo tem vergonha e não faz nada; de expressãozinha amuada, mostra ser grande peludo.



V — Assim tão mazombo, ao vé-lo, os restantes convidados, como são muito estouvados, combinam tirar-lhe o pêlo.



VI — Entre ditos e chateações, começam a bisnagá-lo. Nisto ele diz: — se me ralo, verão: — não sou para graças!



VII — Após tanta bisganada, muito fulo, brada: — ah, sim?! e o Zeca corre ao jardim, levando a sua fisgada.



VIII — Dois minutos decorridos, volta de novo ao salão, com ar bastante pimpão, e modos muito atrevidos,



IX — Com as mãos atrás das costas, diz, então, aos seus rivais: — Que não me bisnagam mais, faço com todos apostas!

X — E puxando, em plena festa, da mangueira do jardim, encharcando-os, diz por fim: — a minha bisnaga é esta!

Joneca e os ceifeiros

Por JULIAO SELVAGEM

PELA estrada, ensombrada e branca, perpassava a música alegre e fresca duma canção da aldeia.

Joneca abriu a janelinha do seu quarto e pôs-se a ouvir:

*Com um sol amigo,
Nas manhãs de verão,
Ceifamos o trigo,
Colhemos o pão.*

*Ceifa, ceifa, ceifador!
Cantai, raparigas!
Que o pão de Nosso Senhor,
Brilha nas espigas!*

Joneca desceu e deixou-se ficar à porta da casa do alegre casal, a ver passar o rancho, que continuava a cantar as canções singelas, como a sua alminha branca e ingénua.

Já iam longe os ceifeiros e ainda o Joneca lhes dizia adeus, com o seu lencinho branco.

Depois ficou no ar o eco das cantigas e o Joneca gritou para o tio António que, no hortejo, tratava das hortaliças:

— O' tio António! Para onde vai aquela gente?

— Para a ceifa, meu filho...

Joneca ficou a pensar: O que seria a ceifa?



Abriu a cancela e foi falar ao velhote.

— Bom dia...

— Bom dia, Joneca.

— Tio António: a ceifa é um espectáculo bonito?

— E' um trabalho, como a vindima

ou outro qualquer, onde se emprega a gente moça, onde se trabalha, onde se canta, onde se ri...

— E pode ver-se?

— Pode. O Joneca é que não.

— Porquê?

— Para ficar por lá, estorricado com

Logo de manhã lá estavam na fazenda.

O rancho dos ceifeiros já trabalhava e Joneca continuava a ouvir cantar.

Era lindo o quadro!

As espigas brilhavam ao sol daquela manhã. Os ceifadores, numa fila



o sol? Ná... Para se ver a ceifa é preciso apanhar muito calor e o Joneca não está acostumado a isso...

— Então aqueles homens? Aquelas mulheres?...

— E' gente afeita ao campo, criada ao sol. Não vê que são da cor da cêpa? Respiram sol e as suas mãos cheiram à terra. O Joneca só vem aqui passar o verão e anda sempre guardadinho do tempo.

— Em Lisboa também apanho muito sol...

— Aqui é outra coisa. E' mais forte. Está mais pertinho da gente. Deus pôs o sol mais junto da terra, onde ele é preciso para amadurecer o trigo.

Joneca não insistiu e foi para casa a fim de tomar a sua habitual caneca de leite de cabra.

Ao almoço falou-se de um passeio à «fazenda» do tio Anastácio, no dia seguinte. Ali havia boas sombras onde poderiam comer, sôb as cerejeiras, de onde se via correr a levada que dava mais frescura ao lugar.

— Joneca. Vamos ver ceifar o trigo — disse o tio António.

— Quando?

— Amanhã, à hora do almoço. E' perto da seara e debaixo das cerejeiras não há sol.

enorme, ao lado uns dos outros, cortavam as espigas, que iam juntando no braço livre.

Quando já eram muitas, poisavam-nas no chão e lá ficavam — montinho aqui, montinho ali — à espera que as fossem buscar.

— O' tio António... e o que fazem, agora, às espigas?

— Apanham-se e levam-se para junto da eira. Ali ficam à espera dos malhadores.

— Nalguma casa?

— Não, Joneca. Fazem-se «rulheiros».

— «Rulheiros»?

— Sim. Os «rulheiros» constituem montes de espigas, dispostas em círculo, deixando a parte do grão para o centro.

— E depois? Depois?...

— Depois, quando o trigo deve ser malhado, levam-no para a eira e aí espalham-no de forma que se vejam todas as espigas, em camadas seguidas, atrás umas das outras e principiam a debulha.

— Descascam as espigas?

— Fazem saltar os grãos.

— Como?

— Com os manguais.

— Isso o que é?

PARA OS MENINOS COLORIREM

— Os manguais — ou malhais, como algumas pessoas lhe chamam — são umas varas que na ponta tem uma correia presa a outro pau, mais pequenino, que é o que bate sobre o trigo; é com isso que os malhadores vão malhando o trigo, fazendo estoirar a casca, ou casulo, e separando o grão.

— Eu gostava de ver, também.

— Isso talvez só lá para Setembro. Um dia, quando calhar, há-de ver.

— Mas, ó tio António: depois o trigo fica misturado com a palha, não é verdade?

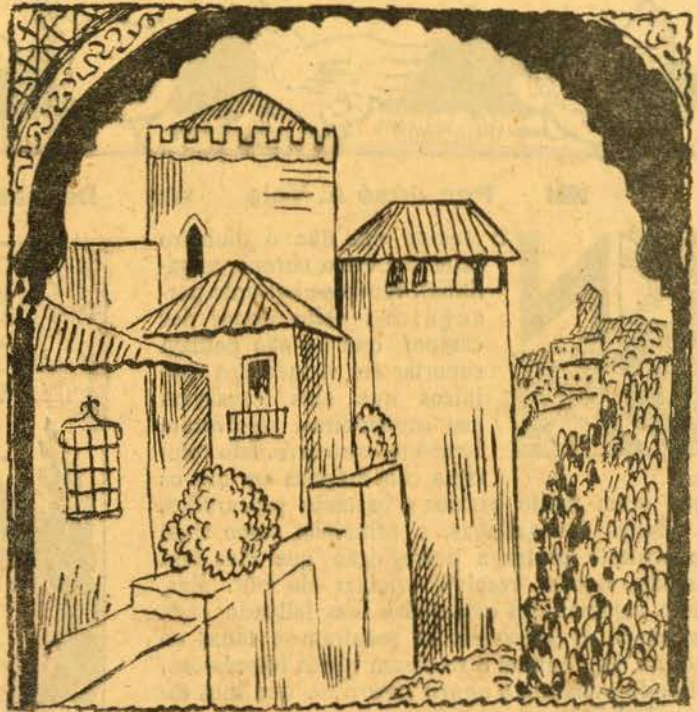
— Não, meu filho. Toda a palha é tirada com os ancinhos.

— Ah! E depois deitam a palha fóra e fica o trigo?!

— Nada se deita fóra. A palha é para dar aos animais — é o seu pão. Noutras terras, onde os animais são poucos e o trigo é muito, fazem fardos e vendem-nos para onde não há, como, por exemplo, Lisboa.

— «Aqui, como há pouco trigo, é a palha aproveitada para os nossos bichos. De maneira que se apanha, bate-se para cair o trigo que está dentro dela e guarda-se. A outra palha, miúda, que o ancinho não traz, fica no trigo; mas, como este não pode ficar com impurezas, tem que se escolher. Então, quando há vento, com umas pás atrai-se o trigo ao ar. O vento leva para longe o lixo e o trigo cai limpinho.

«Só depois disso o trigo é apanhado e guardado nas arcas. Um dia, quando é preciso, o burro carrega os



ADIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem onde se encontra o cornaca deste elefante. Cornaca significa tratador de elefantes.

sacos e segue com eles para a serra, onde está o moinho e de onde o trigo sai feito farinha com que se faz o pão que o Joneca come. Mas tudo isto se faz aqui e nas outras terras pequenas, porque nas terras grandes, onde o trigo é muito, a máquina substitui o homem — mas é mais feio.

— Tanto trabalho que o trigo dá!
— Sim, meu filho. Muito trabalho. O trigo dá todas essas canselas, que a gente passa a cantar, porque a riqueza dos pobres e dos ricos, — é o Pão!

Numa dia, já quasi no fim do verão, o Joneca viu malhar o trigo e tirarem-no da eira, douradinho e luzidio. E quando, na manhã seguinte, se aproximou da eira, fez fugir uns pardalitos, que esvoaçaram por sobre a sua cabeça, pipilando, assustadinhos.

— Diga-me, tio António: que há ali para atrair os pardais.

— Grãosinhos de trigo, que se não apanham. Ficam sempre — e ainda bem que ficam, para que os pardais possam ter pão.

— Também eles — murmurou o Joneca.

— Sim, meu filho: também eles... O trigo é o pão de todos — de toda a natureza. Até um craveiro que se tenha partido... Se apanharmos o pé, se o abirmos e lhe metermos na fenda um grãozinho de trigo, podemos salvar-lhe a vida, metendo-o na água. O grão de trigo incha, abre, cria raízes e o craveiro aproveita-as para continuar vivendo. Depois mete-se na terra, com cuidado, rega-se e está salvo.

— E' como os médicos fazem à gente... uma operação — disse sorrindo o pequeno.

— Sim, porque tudo o que vive merece que se não deixe morrer. Deus deu-lhe a vida — os homens devem conservar-lha.

■ ■ F I M ■ ■

O CARNAVAL DO BÉBÉ

(Continuação da pagina 1)

surpentinas, numa fuzilaria constante, entrelaçavam-se, caíam, formando, na policromia do conjunto, desenhos e arabescos bizarros!

Bébé acariciava a espada, não tinha medo... Uma pierrette, floco de neve, perdida neste mundo liliputiano, aproximou-se. Chegou-se mais e mais, até que da bisnaga safu um esguicho de éter. Bébé sentiu um intenso ardor nos olhos; as lágrimas saltaram-lhe e chorou, chorou muito, ao mesmo tempo que ouvia risos e a mãe dizer-lhe: — «Então, Bébé, um oficial não chora! Que vergonha!...»

Carnaval, eterno engano, quadra ilusória, onde, como Bébé, tantos aspiram ser o que não podem!

O CONTRACTO DAS GALINHAS



Por José A. Vale

Desenhos de Castañé



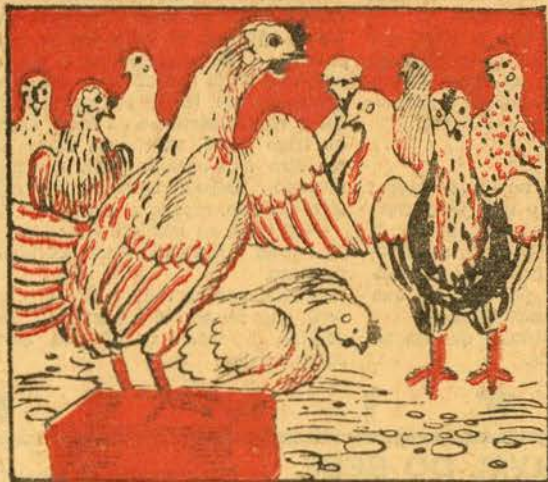
N O tempo em que o dinheiro principal era o *pataco*, as galinhas, vendo-se bastante perseguidas pelos donos dos campos, que as não podiam suportar em virtude dos prejuizos que elas causavam nas sementeiras, resolveram fazer um *contracto*. Isto coincidia com a época em que os

ovos eram muito baratos e bastante procurados.

Muitas das galinhas, a princípio, como sinal de protesto contra a perseguição que lhes fôra movida, tinham resolvido deixar de pôr. Mas, como algumas das camaradas iam faltando, cada vez mais, as sobreviventes reuniram-se todas no recanto dum quintal e trocaram várias impressões, a-fim-de evitarem o *negro futuro*... que lhes estava destinado.

Por fim, uma das mais velhas, de pescoço pelado, crista tombada, e olhar muito matreiro, disse: — «Meninas, estamos todas condenadas a *repousar*, brevemente, na *pança dos nossos donos*!...

As nossas patrões, indignadas, atendendo a que



não têm abundância de milho para nos sustentar na capoeira, passam a afiar a faca no alguidar e darão cabo de nós ou então, mandar-nos-hão para o mercado, onde uma sorte igual nos espera.

Os vizinhos, a continuarmos assim, furiosos, acabam por nos dizimar.

Portanto, olhai, minhas amiguinhas, tenho cá andado a pensar e a cogitar que só nos pouparamos a vida, se todas enveredarmos por um caminho que, unicamente, temos a seguir.



— «E qual é?!...» perguntaram todas, em côro.

— E' resolvermo-nos, todas, a pôr bastantes ovos. E, apenas acabemos de os pôr, desatarmos logo, a anunciá-los, bem alto, com o seguinte dizer: — «*Três-três, por um pataco?... Três-três, por um pataco?... Três-três, por um pataco?!...*»

— «E dará isso resultado?» — perguntou uma das mais novas.

— «Olé se dá... Com este anúncio — *três ovos por um pataco*» vêem que damos um bom rendimento e, ao mesmo tempo, acudimos ás pessoas fracas que os desejam sempre fresquinhos. Em face disto, a nossa vida será poupada. Podeis, pois, estar bem crentes nisto, minhas lindas meninas».

— «Muito bem. Muito bem. E' assim mesmo!...» — aplaudiram todas as outras, muito satisfeitas. E assim foi.

* * *

Ora, como as galinhas foram bem sucedidas, e, desde esse tempo, ainda não conheceram a desvalorização e a mudança da moeda, é por isso que elas, ainda hoje, apenas acabam de pôr um ovo, começam logo a dizer bem alto; — *Três-três, por um pataco?... Três-três, por um pataco?... Três-três, por um pataco?!...*

* * *

Quando a vida desafina,
«e não entra bem no relho»,
não te envergonhes de ouvir,
dos velhos, o bom conselho.